

RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: [www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica) - ISSN 1980-7791

## **A IDEOLOGIA WAGNERIANA: Uma Concepção Político Jurídica Do Belo e do Holocausto**

**Jefferson Antonione Rodrigues<sup>1</sup>**

### **SUMÁRIO**

1 Introdução; 2 A Ideologia Wagneriana Como Influência Nazista; 3 Infortúnio e Destruição: a cultura de massa e sua influência no cotidiano; Conclusão; Referência das Fontes Citadas

### **RESUMO**

O presente artigo é concebido como contribuição para uma pesquisa desdobrada dos acontecimentos históricos influenciados pelas profundas transformações artísticas, pensamentos e doutrinas, ideologicamente espelhados nos escritos de Richard Wagner sobre arte, cultura e política, causadores de uma celeuma revolucionária e anti-semita inspiradora do holocausto nazista projetado de maneira arquitetônica por Adolf Hitler como meio de exaltação do nacionalismo germânico e de expressão do belo para manifestação de poder e embelezamento do mundo.

**Palavras-chave:** Ideologia, Arte, Cultura, Política e Nazismo.

### **ABSTRACT**

The present article is conceived as contribution for a research developing of the historical events influenced by the deep artistic transformations, thoughts and doctrines, ideology mirrored in Richard Wagner's writings on art, culture and politics, that causes of a revolutionary and anti-Semitic noise inspiring of the projected Nazi holocaust in an architectural way for Adolf Hitler as middle of exaltation of the Germanic nationalism and of expression of the beautiful for manifestation of power and embellishment of the world.

**Keywords:** Ideology, Art, Culture, Politics and Nazism.

---

<sup>1</sup> RODRIGUES, Jefferson Antonione. Mestre em Teoria do Direito e do Estado, pelo Centro Universitário Eurípides de Marília/SP, docente da Faculdade Católica Rainha da Paz (FCARP) e ex-consultor da UNESCO junto do Programa Escola da Família.

## 1 INTRODUÇÃO

***Ó beleza! Onde está tua verdade?***

*William Shakespeare*

*"Espelho, espelho meu...*

*Existe alguém mais bela do que eu?"*

Desde as fábulas infantis, como "Branca de Neve e os sete-anões", vemos a figura do "belo" presente em nosso cotidiano, fazendo parte da formação de nossa personalidade, inclusive no que tange as concepções de bem e mal, verdadeiro e falso entre outros.

E, ao pensarmos em beleza e arte sempre nos vem em mente a figura mitológica gregoriana de Narciso<sup>2</sup>, surgida da superstição segundo a qual contemplar a própria imagem prenunciava má sorte. Mas profetizada ou não esta má sorte, a busca pelo belo e o gosto pelas artes serviram de espelho aos ideais governamentais do ditador Adolf Hitler, o pintor que sonha em ser arquiteto e que se utilizou da arte para representar a raça e fazer da beleza o princípio da saúde e do embelezamento da vida cotidiana para consecução e exercício do poder.

Desde o final do século XIX, a Europa vinha passando por profundas transformações no campo artístico. O grande progresso industrial e científico deu um novo rumo às artes.

A arte, ou seja, o vasto conjunto artístico, formado pela literatura, escultura, artes plásticas, pintura, cinema, teatro, dança, arquitetura etc., nos revela muito sobre a

---

<sup>2</sup> Na Mitologia Grega, Narciso era um herói do território de Téspias na Beócia, famoso pela sua beleza e orgulho. Era filho do deus-rio Cefiso e da ninfa Liríope. No dia do seu nascimento, adivinho Tirésias vaticinou que Narciso teria vida longa desde que jamais contemplasse a própria figura. (Capturado: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Narciso>, em 13/12/2006).

RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: [www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica) - ISSN 1980-7791

sociedade. Além do prazer que essas formas de expressão da cultura proporcionam, funcionando como uma superfície refletora de um campo metálico polido tanto daqueles que a apreciam como daqueles que as criam – os artistas. Ecoa o que a sociedade pensa de si mesma, quais são seus anseios e vontades, seus valores morais.

A Europa foi sempre muito estudada neste aspecto. Cada movimento artístico revelava um pouco da identidade européia e, assim, mantinha uma complexa e interessante relação com a sociedade de sua época. Como exemplo podemos citar: romantismo, realismo, naturalismo, impressionismo, pós-impressionismo, cubismo, futurismo, expressionismo, dadaísmo e outros.

O belo e a beleza sempre foram objetos de estudo da História e da Filosofia. A estética enquanto disciplina filosófica, surgiu na antiga Grécia, como reflexão sobre as manifestações do belo natural e o belo artístico. “Indubitavelmente, o conceito de beleza comporta significação histórica limitada. Surgiu na Grécia antiga como fruto de certa filosofia particular da vida. Tal filosofia era em espécie, antropomórfica; exaltava todos os valores humanos e nada mais via nos deuses senão o próprio homem exagerado.” (READ,1978, p.21-22).

Platão foi o primeiro a formular explicitamente a pergunta: O que é o Belo? O belo é identificado com o bem, com a verdade e a perfeição. A beleza existe em si, separada do mundo sensível. Uma coisa é mais ou menos bela conforme a sua participação na idéia suprema da beleza. Neste sentido criticou a arte que se limitava a “copiar” a natureza, o mundo sensível, afastando assim o homem da beleza que reside no mundo das idéias.<sup>3</sup>

O século XX foi a todos os níveis um século de rupturas. No domínio das práticas artísticas ocorrem importantes mudanças no entendimento da própria arte resultando numa multiplicidade de fatores. Na política, foram anos conturbados, os

---

<sup>3</sup> Capturado: <http://afilosofia.no.sapo.pt/histestetica.htm>, em 7/12/2006.

RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: www.univali.br/direitoepolitica - ISSN 1980-7791

européus permaneceram convivendo com o fantasma da guerra, enquanto se lançavam na difícil tarefa de reconstruir seus países, a maioria rejeitava a democracia parlamentar e o liberalismo, pois viam em ambos os grandes culpados da guerra e pela situação de crise em que viviam. Nos países onde a democracia liberal não havia fincado raízes, instauraram-se ditaduras violentas: Itália e Alemanha, entre outros.

Aqui chegamos ao nosso expoente principal, a Alemanha e sua era ditatorial inspirada no ideal artístico de Adolf Hitler.

## **2 A IDEOLOGIA WAGNERIANA COMO INFLUÊNCIA NAZISTA**

***"Só entende o nazismo quem conhece Wagner"***

*Hitler*

Wilhelm Richard Wagner (22 de maio de 1813, Leipzig – 13 de fevereiro de 1883, Veneza) foi um compositor alemão, considerado amplamente como um dos expoentes do romantismo na música. Cresceu num meio familiar formado por atores. Escreveu, ainda na infância, tragédias em estilo grego e shakespeariano. Aos 15 anos dedica-se a estudar música. Sua primeira ópera de grande porte é *Rienzi*, sob influência da ópera francesa. O sucesso vem com *O navio fantasma*. Depois virão: *Lohengrin*, *O anel dos nibelungos*, *Mestres-cantores*. Participa de movimentos sociais em 1848 e 1849. Em *Tristão e Isolda*, de 1865, reivindica o retorno do drama ao seu caráter religioso (ritual) primitivo.

Como compositor de óperas, criou um novo estilo, grandioso, cuja influência sobre a música foi forte a ponto de os músicos de seu tempo e posteriores serem classificados como wagnerianos ou não-wagnerianos.

RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: [www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica) - ISSN 1980-7791

Wagner lançou as bases para a dissolução do sistema harmônico tonal. Ao mesmo tempo, seus escritos sobre arte, cultura e política causaram uma celeuma jamais visto. Foi revolucionário e monarquista, era anti-semita, o que não o impedia de ter amigos judeus; admirava a arte musical italiana, mas criou um tipo de música que derrubou a supremacia da ópera italiana na música vocal. Megalomaníaco, não hesitou, em sua autobiografia, para criar uma imagem heróica, à beira da perfeição. Acreditava que depois de sua obra a música nunca mais seria a mesma.

Consolidado como um romancista ligado ao poema sinfônico, faz com que a música deixe de repousar sobre uma só escala, em modulações tradicionais, e torna-se livre. A cada momento o ouvinte está dentro de uma nova escala. A tensão harmônica é tamanha que a velha harmonia entra em colapso. Tudo para atingir o máximo de expressividade.

Pelo fato de ter escrito alguns ensaios anti-semitas sua imagem foi ligada no século XX ao nazismo tomando-o como exemplo da superioridade da música e do intelecto alemães, contrapondo-o a músicos também românticos como Mendelsohn, o criador da tão tradicional e conhecida Marcha Nupcial, que era judeu.

Richard Wagner, e sua Ópera Rieni<sup>4</sup> era uma das três grandes fixações de Adolf Hitler, enquanto as outras duas eram a Linz (cidade natal do ditador, cujo intento era tornar um grande centro cultural) e a Antiguidade greco-romana (mostrava corpos nus perfeitos, paisagens bucólicas e felizes cenas familiares).

Hitler admirava o trabalho político de Wagner. Ainda em Liz ele fantasiava sobre as óperas que escrevia. Tão extravagantes que superariam as de Wagner. Era a encenação de ópera que fascinava Hitler. A ilusão, a realidade. Alçar vôo.

---

<sup>4</sup> Rieni, é a terceira ópera, em cinco actos, composta, em 1840, por Richard Wagner. O seu libreto é do próprio punho do compositor, embora baseado no romance do novelista inglês Edward George Earl Bulwer -Lytton (1803-1873) intitulado Rieni, o último Tribuno Romano. O manuscrito original perdeu-se e foi encontrado, anos mais tarde, na biblioteca particular de Adolf Hitler.

Capturado: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rieni>, em 19/12/2006.

RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: [www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica) - ISSN 1980-7791

Wagner era seu ídolo. Artista criativo e político em uma só pessoa. Hitler absorveu as propostas de Wagner: Anti-semitismo – culto ao legado mó dico e o mito do sangue puro deram contorno à visão de Hitler sobre mundo.

Mas Wagner destacou-se, sobretudo pelas óperas que compôs. Algumas de suas obras expressam um estranho fascínio pela morte. É dele a frase: “... *mesmo quando a vida nos sorri, estamos a ponto de morrer*”.

Também de Wagner vieram as noções de arte para uma nova civilização. E o artista-príncipe, nascido do povo unirá vida e arte, anunciando o Estado Novo.

As pretensões de Hitler oscilam da pintura à arquitetura, ele fazia esboços de obras monumentais que seriam construídas. Aos 18 anos, candidata-se a uma vaga na Academia de Arte de Viena, para a qual é recusado. Mas a encenação da ópera, que tanto fascinava Hitler, será utilizada nos “comícios de pseudo-arte”, nos quais o Führer<sup>5</sup> era cenógrafo, diretor e ator principal, e como inspiração na confecção dos estandartes do Partido Nazi.

Como sustentáculo destas afirmações temos o documentário Arquitetura da Destruição, do diretor Peter Cohen<sup>6</sup>, que exhibe claramente a Alemanha derrotada da Primeira Guerra Mundial, que precisava reconquistar o prestígio de grande nação e que objetou em Adolf Hitler o ser humano encarregado dessa missão.

Baseado no ideal do belo e no anti-semitismo de Wagner, buscava-se embelezar o mundo, muito embora a denominação do belo e do feio sejam um conceito meramente subjetivo. Os médicos nazistas, faziam parte de uma classe que além de

---

<sup>5</sup> O termo Führer foi o título adotado por Adolf Hitler na Alemanha para designar o chefe máximo do Reich e do Partido Nazi. O nome significa o chefe máximo de todas as organizações militares e políticas da Alemanha. (Capturado: <http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%BChrer>, em 19/12/2006).

<sup>6</sup> Peter Cohen nasceu em 23 de março de 1946, na cidade de Lund (Suécia). Seu pai era judeu alemão que fugiu de Berlim em 1938, para escapar da perseguição nazista. Tornou-se fotógrafo profissional aos 18 anos e estudou na Escola de Cinema da Suécia até 1969 e no Instituto Dramático de Estocolmo até 1975. Ele produziu mais de 40 documentários e filmes infantis que receberam diversos prêmios internacionais. Seu longa-metragem, Arquitetura da Destruição foi considerado um dos melhores lançamentos de 1994, recebendo ainda o Prêmio da crítica na 16ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo (Filmografia)

RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: [www.univali.br/direitopolitica](http://www.univali.br/direitopolitica) - ISSN 1980-7791

buscar a conservação da vida tinham como principal meta preservar a beleza, sendo incumbidos de eliminar os fracos e deformados: criou-se para isto, inclusive, um programa de assassinatos por gás letal. Até a arte moderna sofreu imposições, pois eram consideradas degeneradas, como exemplo cita-se o cubismo<sup>7</sup> e o dadaísmo<sup>8</sup>. Assim observamos que a ideologia alemã era uma ideologia doentia, os judeus eram inimigos e sua eliminação era fruto da necessidade de limpeza e embelezamento: anti-semitismo.<sup>9</sup>

Ideologia é um termo comumente usado no sentido de “conjunto de idéias, pensamentos, doutrinas e visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações e, principalmente, políticas”. A origem do termo ocorreu com Destutt de Tracy, que criou a palavra e lhe deu o primeiro de seus significados: ciência das idéias. Posteriormente, esta palavra ganharia um sentido pejorativo quando Napoleão chamou De Tracy e seus seguidores de “ideólogos” no sentido de “deformadores da realidade”. Karl Marx iria desenvolver uma teoria da ideologia concebendo-a como uma forma de falsa consciência cuja origem histórica ocorre com a emergência da divisão entre trabalho intelectual e manual. É a partir deste momento que surge a ideologia, derivada de agentes sociais concretos (os ideólogos ou intelectuais), que autonomizariam o mundo das idéias e assim inverteriam a realidade. Depois de Marx, vários outros pensadores abordaram a temática da ideologia. Muitos mantiveram a concepção original de Marx, outros passaram a abordar ideologia como sendo sinônimo de “visão de mundo”, inclusive alguns

---

<sup>7</sup> Cubismo: desconstrução e reconstrução da realidade, independente da figura real. (VALENTINI, 1998, P.274)

<sup>8</sup> Dadaísmo: negação da arte da época, baseada em extravagâncias e grosserias formando uma nova forma de arte. (VALENTINI, 1998, P.274).

<sup>9</sup> O anti-semitismo é o nome que se dá à hostilidade contra os judeus e sua cultura. Muitos fatores motivaram e fomentaram o anti-semitismo, incluindo fatores sociais, econômicos, nacionais, políticos, raciais e religiosos, ou combinações destes fatores. Na Idade Média, as principais raízes do ódio irracional contra judeus forma: religiosas (baseadas na pretensa “doutrina” da Igreja Católica de que os Judeus são coletivamente e permanentemente responsáveis pela morte de Jesus Cristo) e sócio-econômicas (devido à ação de autoridade locais, governantes, e alguns funcionários da igreja que fecharam muitas ocupações aos judeus, permitindo-lhes no entanto as atividades de coletores de impostos e emprestadores, o que sustenta as acusações de que os judeus praticam a usura – uma prática repugnada inicialmente pela Igreja Católica e hoje aceita). Capturado: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anti-semitismo>, em 19/12/2006.

RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: [www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica) - ISSN 1980-7791

pensadores que se diziam marxistas, tal como Lênin. Alguns explicam isto graças ao fato do livro *A Ideologia Alemã*, de Marx, onde ele expõe sua teoria da ideologia, só tenha sido publicado em 1926, dois anos depois da morte de Lênin. Vários pensadores desenvolveram análises sobre o conceito de ideologia, tal como Karl Mannheim, Louis Althusser, Paul Ricoeur.<sup>10</sup>

A análise da ideologia nos orienta ao estudo das relações de dominação, de maneira sócio-histórica, relações de dominação estas, que por sua vez, são um tipo particular de relação de poder.

### **3 INFORTÚNIO E DESTRUIÇÃO: a cultura de massa e sua influência no cotidiano**

"Quem quiser conquistar as massas deve conhecer a chave que abre as portas do seu coração. Essa chave se chama vontade e força."

*Adolf Hitler*

A política de poder içada por Hitler é um exemplo típico de regime totalitário. A ascensão de Hitler ao poder foi legal dentro do sistema majoritário, ele não poderia ter mantido a liderança de tão grande população, sobrevivido a tantas crises internas e externas, e enfrentado tantos perigos de lutas intrapartidárias, se não tivesse contado com a confiança das massas, e para obter essa confiança ele se utilizou acima de tudo das concepções de beleza e arte. E a isso, dá-se o nome de estética totalitária, ou seja, um tipo incontestável de cultura de massa que utiliza de

---

<sup>10</sup> Capturado: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ideologia>



RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: [www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica) - ISSN 1980-7791

forma peculiar à indústria cultural sob o controle rígido do Estado. Hitler pretendia remodelar a sociedade alemã. Nesse sentido, interveio na educação, todos os professores, do primário à universidade, eram orientados para ensinar segundo os desejos do Partido Nazi. Os jovens eram compelidos a se filiar à Juventude Hitlerista. Esses movimentos eram submetidos a intensa doutrinação e a um condicionamento psicológico rígido. Para melhor divulgar a ideologia nazista, Hitler criou o Ministério de Cultura e Propaganda, que criava um vasto material e o divulgava através do rádio, cinema, teatro, livros e revistas. Ao mesmo tempo censurava toda e qualquer manifestação cultural que pudesse contrariar os objetivos do Estado Nazista. A ideologia nazista baseava-se, como já foi ressaltado, no racismo, no nacionalismo e no expansionismo militar. Segundo essa ideologia, o povo alemão descendia da raça ariana. Essa seria a melhor raça do mundo e a que deveria prevalecer sobre as demais. Hitler queria devolver aos alemães o orgulho de serem alemães. Ela exaltava ainda as tradições e o passado do povo alemão. Assim, difundindo a crença na superioridade alemã sobre os outros povos, justificava o expansionismo nazista.

Para a ideologia nazista a Nova Alemanha só surgiria quando os comunistas, os socialistas e os judeus fossem banidos da sociedade. A perseguição foi intensa e cruel. Os que escapavam com vida eram mandados para os campos de concentração. Esses campos, criados originalmente para servir como prisão, transformaram-se em campos de extermínio em massa. Eram verdadeiras linhas de montagem criadas para acabar com vidas humanas, como forma de exaltação do belo e purificação da raça.

As construções faraônicas e grandiosas serviam assim como os eventos de arte para cegar a população diante do regime, proporcionando nas pessoas uma sensação do quão pequenas eram perante o Estado Nazista.

Toda essa situação nos faz pensar como um amante pela arquitetura e pelas artes conseguiu agir com tanta frieza, não atentando aos papéis fundamentais de um idealizador fantasioso, como produzir espaços para a sociedade, ser coerente,

RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: [www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica) - ISSN 1980-7791

pensar e propor um futuro, compreender o interesse coletivo, medir e refletir sobre a vida urbana, procurando soluções para facilitar a vida coletiva. Pelo contrário, utilizou-se de seus anseios, desejos e inquietações mais intrínsecas para fazer de sua arquitetura um manifesto de poder, de modificação da estrutura de uma sociedade, mexendo com o sentimento das pessoas e com o bem estar social.

Hitler utilizou-se do que chamamos de cultura de massa (estética totalitária) para introduzir conceitos, ditar regras e impor valores, mudando a maneira de ser e de agir de milhões e milhões de pessoas. A cultura de massa estende-se ao nível do cotidiano, penetra nela pelo rádio, a televisão, o disco, mas não o transforma, não o transfigura, deixa-lhe os seus caracteres de monotonia e de passividade; não faz dele uma unidade, não lhe confere um estilo. A cultura aqui aparece como auto-projeção de um ideal individualista ao alcance do poder, enquanto na verdade, o fim primordial da cultura deveria ser o auto-reproduzir-se em cada indivíduo, em cada geração, para autoperpetuar-se e perpetuar, assim como uma admirável estrutura da sociedade. Não se trata apenas da estrutura de uma sociedade, mas de um extraordinário poderio.

As linhas gerais da estética totalitária são, entre outras, as proporções monumentais e grandiloqüentes, a padronização das técnicas de representação, o estilo hiperrealista, a simulação de movimento, as linhas retas e homogêneas (geralmente apontando para o céu), a preponderância de uma cor sobre outras (geralmente, o vermelho), a desindividualização dos personagens e narrativas em detrimento de personagens coletivos (a massa), a coreografia e os corais, a reverência ao esforço físico, ao trabalho braçal, ao atletismo e ao corpo.

A arte é utilizada para fazer política, por ter um caráter libertador de percepções e sensibilidades frente as grandes transformações. Hitler persuade o povo através da arte e seus reflexos, impondo regras e valores por meio de seus comícios. É como salienta Benjamin "a política se deixou impregnar, com d'Annunzio, pela decadência, com Marinetti, pelo futurismo, e com Hitler, pela tradição de Schwabing (bairro boêmio de Viena)"(BENJAMIN, 1987,195).

RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: [www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica) - ISSN 1980-7791

Em suma, na época de Homero, a humanidade oferecia-se em espetáculo para si mesma, já com Hitler, e sua auto-alienação, a humanidade vê, de maneira imposta e passiva sua auto destruição como um puro prazer individualista e estético do belo.

## CONCLUSÃO

*"A arte é uma magia que liberta  
a mentira de ser verdadeira"*

Theodor Adorno

Conclui-se o presente com o intento de ter tocado o objetivo primordial, ou seja, sistematizar e dirigir uma investigação (pesquisa) pautada na história, enfim, no cotidiano de uma sociedade que até os dias de hoje luta pela busca da verdade, do belo. Além da ênfase na mudança de paradigmas e de processos de produção de um conhecimento científico que seja mais atrativo constituidor de uma complexa e múltipla teia de relações historiográficas, que envolve a sociedade formando um conhecimento racional, comunicativo, literal, metodológico enfim, epistemológico.

O belo sofre influências na vida cotidiana, traduz-se nas informações que descreve e explica o mundo e a sociedade que nos rodeia, mas mesmo com a devastação do mundo e do belo, pelo próprio homem fruto de uma sociedade consumista, oriunda de um capitalismo burguês o belo ainda encanta.

Narciso é tratado como um mito, que através da sociedade capitalista vira fonte de crença, de estudo e até de consumo, o mesmo ocorre com Richard Wagner e Adolf Hitler utilizados na constituição deste. Isso nos remete a influência do embelezamento, do consumismo, do poder, da música, das artes, do capitalismo, da miséria, da riqueza, da figura do mito entre outros.

Porém, por ironia do destino ou não, o fim destes não é tão embelezador assim, Narciso morre afogado no lago em que se espelhava admirando sua beleza,

RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: [www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica) - ISSN 1980-7791

enquanto Hitler é derrotado e comete suicídio na cidade de Berlim onde se refugiava, e mais uma vez, ele é tomado pelo fascínio a Richard Wagner, que expressava um estranho fascínio pela morte.

A presença de Wagner na formação do orgulho nacional alemão foi bastante intensa. Não foi por acaso que, por exemplo, o termo "Führer", usado por Adolf Hitler, tenha sido extraído de um trecho da Ópera Lohengrin, onde consta o diálogo "Zum Führer sei er euch ernannt" (Aceitem-no como seu líder).

Sem restrições, Hitler, transformou uma ideologia absurda em uma realidade infernal, um verdadeiro holocausto, uma bagagem mental obscura e estranha à noção de política.

Por fim, a música que sempre esteve presente em todos os momentos da nossa história e que certamente é um dos maiores expoentes e representantes do "belo" no cotidiano, por sua popularidade entre as massas, também tem seu lado tirânico, despótico, opressivo, ríspido, áspero, carrancudo, torvo, melancólico e até mesmo fúnebre, mas nem por isso deixa de ser bela. Ela continua sendo uma grande fonte inspiradora de um eterno embelezamento.

## REFERÊNCIA DAS FONTES CITADAS

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo e totalitarismo**. 5 ed. São Paulo: Companhia da Letras. 2004.

BLANC, Cell. **Manual para conquista mundial** – in, PsiqWeb, Internet disponível em: <http://www.rabisco.com.br/61/arquitetura.htm> última revisão em 7/12/2006.

BENJAMIN, Walter et al. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense. 1987.

\_\_\_\_\_. **O conceito de crítica de arte no romantismo alemão**. 2 ed. São Paulo: Iluminuras. 1999.

RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: [www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica) - ISSN 1980-7791

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva S.A. 1993.

FABRÍCIO. **Algumas obsessões** - in, PsiquWeb, Internet disponível em: <http://mitglied.lycos.de/revistatsc3/tsctext.php?id=596> última revisão em 06/12/2006.

FERREIRA, José Roberto Martins. **História**. São Paulo: FTD. 1999.

KURTZ, Adriana. **Alguns documentos de cultura e barbárie de Adolf Hitler, arquiteto da destruição** - in, PsiquWeb, Internet disponível em: <http://www.mnemocine.com.br/aruanda/akurtz.htm> última revisão em 7/12/2006.

LEFÊBVRE, Henri et al. **Literatura e sociedade: da literatura e da arte modernas consideradas como processos de destruição e de autodestruição da arte**. São Paulo: Martins Fontes. 1973. p.89-109.

MARCUSE, Herbert. **Teoria da cultura de massa: a arte na sociedade unidimensional**. 6e. São Paulo: Paz e Terra. 2000. p. 255-270.

READ, Herbert. **O sentido da arte: esboço da história da arte, principalmente da pintura e da escultura, e das bases dos julgamentos estéticos**. 4 ed. São Paulo: IBRASA, 1978. p. 21-22.

ROHDEN, Huberto. **Filosofia da arte**. 2 ed. São Paulo: Alvorada, 1985.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** 16 ed. São Paulo: Brasiliense. 2000.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes. 1998.

VALENTINI, Lucy R. **Cultura e sociedade: do século XIX até o século XX**. São Paulo: IBEP.1998. p.274.

## SITES CONSULTADOS

Narciso, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Narciso>, em 13/12/2006

**Breve história da estética**, <http://afilosofia.no.sapo.pt/histestetica.htm>, em 7/12/2006.

**Rienzi**, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Rienzi>, em 19/12/2006

**Richard Wagner**, <http://www.malhanga.com/musica/Richard%20Wagner.html>

**Richard Wagner**, [http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard\\_Wagner](http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Wagner)

RODRIGUES, Jefferson Antonione. A ideologia wagneriana: uma concepção político jurídica do belo e do holocausto. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.3, n.3, 3º quadrimestre de 2008. Disponível em: [www.univali.br/direitoepolitica](http://www.univali.br/direitoepolitica) - ISSN 1980-7791

**Ideologia**, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ideologia>

**Führer**, <http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%BChrer>, em 19/12/2006.

**Anti-semitismo**, <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anti-semitismo>, em 19/12/2006.

## **FILMOGRAFIA**

**NOME: ARQUITETURA DA DESTRUIÇÃO**

**DIREÇÃO: PETER COHEN**

ALEMANHA, 1992.